

DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA NO CONTEXTO ESCOLAR: OLHARES DE POSSIBILIDADES E NÃO LIMITAÇÕES

Iolanda Helena Martins Zimmermann¹

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Silvana Matos Uhmman²

Universidade Federal Fluminense

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta de reflexão a inclusão de alunos com Deficiência Múltipla a partir de um olhar de possibilidades, na contramão de muitos entendimentos ainda impeditivos e de barreiras. Para tanto, como objetivo, buscamos repensar as concepções existentes diante desse aluno/diagnóstico, indo além de suas possíveis limitações, mas destacando na escola a presença de potencialidades – partindo da seguinte pergunta de pesquisa: quais são algumas reflexões possíveis diante da inclusão de uma aluna com diagnóstico de Deficiência Múltipla? A partir de uma perspectiva qualitativa de Estudo de Caso (GIL, 2011) e Análise do Conteúdo (BARDIN, 2011), este trabalho teve como base os registros em Diário de Campo (DEMO, 2012) de uma Monitora de Educação Especial, o qual buscou priorizar as interações e vivências com uma aluna diagnosticada com Deficiência Múltipla - realizado em uma escola municipal de Angra dos Reis/RJ, sendo possível acompanhar o processo de inclusão dessa aluna acontecendo no 1º ano do ensino fundamental num período de um mês. A fim de desenvolver a pesquisa, apresentamos três momentos: estudos teóricos sobre a Deficiência Múltipla e sua inclusão em escola regular; registros de vivências/interações frente a uma aluna com diagnóstico de Deficiência Múltipla, destacando questões importantes sobre o assunto; reflexões sobre a Deficiência Múltipla e seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, possibilitando perceber que o diagnóstico não deve ser restrito às limitações. Como resultados, o meio mostrou-se passível de contribuir ou comprometer o processo de ensino e aprendizagem – por meio da Monitoria, a aluna com Deficiência Múltipla demonstrou conseguir avançar após um trabalho de acordo com suas especificidades, bem como a partir de concepções voltadas para suas

¹ Pedagoga pelo Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: ihzimmermann@id.uff.br

² Professora de Libras e Educação Inclusiva do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora e Mestre em Educação nas Ciências, área Educação Especial pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Especialização de Docência em Libras pela Unintese. Educadora Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: silvana_uhmann@id.uff.br

potencialidades, sempre entendendo-a como sujeito de possibilidades e não limitada por apresentar alguns comprometimentos devido ao seu diagnóstico.

Palavras-chaves: Inclusão; Mediação; Deficiência Múltipla.

1 INTRODUÇÃO

A Deficiência Múltipla³ é muitas vezes considerada como algo “que não vale a pena insistir”, “que é muito complicado, limitador” ou, ainda, de menor visibilidade/potencialidade se comparada a outras deficiências (ROSSI, 2012). Ainda, no dia a dia da escola, pode haver olhares de compaixão da equipe escolar e/ou colegas ao aluno com Deficiência Múltipla, como se ali não existissem possibilidades de aprendizado e, mesmo com todo um discurso inclusivo de “olhar a criança antes de olhar a deficiência”, muitas vezes a concedem um lugar de total incapacidade.

A partir disso, é importante a constante reflexão sobre a inclusão e, a partir disso, como esta relaciona-se às pessoas com Deficiência Múltipla dentro de escolas regulares, a qual “ocorre por meio da interação social, ainda que em um primeiro momento os aspectos biológicos sejam predominantes (PLETSCH, 2015, p. 23). Sobre a inclusão de alunos com deficiência – e aqui em especial de alunos com Deficiência Múltipla – vale destacar que se constitui como: “[...] um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade” (BRASIL, 2008, p. 1).

Tendo como foco essas ideias, este trabalho busca refletir sobre a inclusão de alunos com Deficiência Múltipla a partir de um olhar de possibilidades, na contramão de muitos entendimentos que concedem ao diagnóstico uma condição estagnada. Para tanto, tem-se a seguinte pergunta de pesquisa: quais são algumas reflexões possíveis diante da inclusão de uma aluna com diagnóstico de Deficiência Múltipla? Nosso objetivo foi buscar repensar as concepções existentes diante desse aluno/diagnóstico, indo além de suas possíveis limitações, mas destacando na escola a presença de

³ Compreendida segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008, p. 15), a qual diz que: “É a associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (mental/visual/auditiva/física), com comprometimentos que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa”.

potencialidades. O que queremos é levar a educação escolar a (re)pensar os olhares destinados a esse aluno, sensibilizá-los a reconhecer os ganhos pedagógicos independentemente de diagnóstico e refletir para além de um pré-conceito designado pela sociedade.

2 METODOLOGIA

Partimos da perspectiva qualitativa de Estudo de Caso – nas palavras de Gil (2011), trata-se de um estudo profundo de um ou poucos objetos, de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento – a fim de problematizar a deficiência múltipla e suas implicações e possibilidades diante da escolarização desses alunos. Com base em registros de Diário de Campo (DEMO, 2012) de uma Monitora de Educação Especial (uma das autoras), realizado em uma escola municipal de Angra dos Reis/RJ, foi possível acompanhar o processo inclusão de uma aluna com Deficiência Múltipla no 1º ano do ensino fundamental num período de um mês – seguindo um cronograma de estudo teórico, vivência na escola pesquisada e reflexão dos resultados da pesquisa – os quais foram escritos no decorrer das vivências escolares em espaços possíveis na escola que não comprometeram a dinâmica pedagógica para, posteriormente, serem analisados. Os registros atentaram-se para momentos de interação, atividades pedagógicas e diferentes socializações entre Monitora, aluna com Deficiência Múltipla – nome fictício de Juliana – e demais pessoas da sala de aula, sendo no decorrer desta escrita, apresentados alguns pontos importantes e que foram selecionados segundo a perspectiva da Análise do Conteúdo de Bardin (2011).

Segundo Bardin (2011), esta abordagem apresenta um conjunto de técnicas de análise das comunicações e, seguindo essa ideia, buscamos refletir e abordar não só aspectos teóricos, mas principalmente vivências escolares descritas em Diário de Campo quando às relações pessoais e de comunicação, experiências pedagógicas e de interações, concedendo centralidade de análise sobre as reflexões suscitadas através do meio educacional e seu impacto na escolarização da Deficiência Múltipla.

Sendo assim, apresentamos três momentos: estudos teóricos sobre a Deficiência Múltipla e sua inclusão em escola regular; registros de vivências/interações frente a uma aluna com diagnóstico de Deficiência Múltipla, destacando questões importantes sobre o assunto; reflexões sobre a Deficiência Múltipla e seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, possibilitando perceber que o diagnóstico não deve ser restrito às limitações.

3 DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA E A RELAÇÃO COM A ESCOLA

A Deficiência Múltipla é um campo com poucas pesquisas no Brasil e, entre os estudos da área, a escolarização desses alunos mostra-se a maior fragilidade (MASINI, 2011). Este fato começa a modificar-se apenas no ano de 2000, com a publicação, pelo Ministério da Educação, do “Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Deficiência Múltipla” que, dentre outros aspectos, buscou definir teoricamente esse público.

Sobre isso, há o reconhecimento de que a Deficiência Múltipla agrega diferentes associações de deficiências, além do fato de nenhuma pessoa com múltiplas deficiências ser igual ao outro, sendo “uma condição que afeta em maior ou menor intensidade o funcionamento individual e social dos sujeitos com essa deficiência” (PLETSCH, 2015, p. 14). Sendo assim, cada pessoa tem um tipo de associação e cada uma delas desprende diferentes estratégias de possibilidades quanto ao aprendizado e desenvolvimento (ROSS, 2012).

Além disso, as possíveis causas podem ser resultadas tanto na gestação, como após o nascimento, podendo decorrer-se de acidentes ou doenças, como ressalta Silva (2011). Nisso, é importante pensar em diagnóstico (sobretudo precoce), sendo o mais adequado realizado em parceria com a família, por meio de uma equipe multidisciplinar, observando seu desenvolvimento e comportamento. Silva (2011, p. 3) explica esse processo:

A observação é conduzida por um facilitador, enquanto a equipe de profissionais pode orientar e participar da observação. Os pais são envolvidos e contribuem de modo a favorecer o trabalho e a fornecer dados e informações não obtidos na atividade lúdica. A avaliação das pessoas com múltipla deficiência deve contemplar informações de natureza biomédica, física, psíquica, socioafetiva e psicomotora. Convém considerar a forma de a pessoa perceber, conhecer e interagir no ambiente físico e social, bem como adquirir, organizar e produzir seu conhecimento.

Cabe destacar também a importância de um diagnóstico, para que o mais cedo possível possam ser reconhecidas as limitações/capacidades da pessoa e, a partir delas, buscar estratégias e recursos que contribuam com sua aprendizagem e desenvolvimento. A partir do entendimento do que é Deficiência Múltipla (necessitando sempre ser o “início de conversa”), percebemos a necessidade de usar esse diagnóstico para problematizar o olhar destinado a esse aluno: mediante possibilidades ou como algo que evidencie ainda mais suas limitações? Ao que se sabe, o meio educacional (após o familiar) em que a criança participa influencia muito no seu avanço de aprendizagem – todas as crianças, mas, nesse caso principalmente, crianças com deficiências.

A escola na vida da criança com deficiência múltipla tem papel fundamental e, dependendo da sua experiência, esse papel pode ser tanto positivo quanto negativo. Se as pessoas inseridas nesse meio não conseguirem desenvolver olhares acolhedores e de possibilidades, a trajetória se tornará cada vez mais difícil e, aparentemente, muitas vezes, impossível. A escola e a Deficiência Múltipla podem apresentar muitas complexidades, sendo algumas apontadas por Pletsch (2015, p. 22) em pesquisa com professores que atuam frente esse público:

a) dificuldades de infraestrutura, materiais e recursos adequados para atender às necessidades educacionais especiais, que são muito específicas para cada aluno com deficiência múltipla; b) problemas relacionados ao transporte adaptado público e/ou escolar para que os alunos chegassem à escola; c) falta de articulação do sistema educacional com o sistema de saúde, uma vez que muitos alunos com essas deficiências sofriam com convulsões e apneias sem terem o acompanhamento clínico necessário; d) falta de acesso a recursos tecnológicos necessários para o trabalho com alunos com graves deficiências, especialmente para auxiliar no desenvolvimento da comunicação. Ademais (...) falta de: a) conhecimentos específicos dos professores para efetivar atividades pedagógicas que promovessem o desenvolvimento desses alunos; b) articulação entre o trabalho do professor da sala de recursos multifuncionais e da classe comum; c) clareza sobre o papel do professor do AEE para alunos com deficiência múltipla.

É necessário destacar que, embora existam muitas questões que demonstram dificuldades por parte da escola ao gerenciar o ensino e a aprendizagem

desses alunos, seu desenvolvimento é possível. Para tanto, Machado, Oliveira e Bello (2009, p.27- 28) destacam que os alunos com Deficiência Múltipla necessitam de “atenção especial em todas as esferas do seu desenvolvimento, sendo elas: motora, sensorial, intelectual, educacional e social”. Além disso, necessitam de “intervenções mais pontuais quanto ao estabelecimento de estratégias para o seu desenvolvimento global”.

Embora Cormedi (2009) aponte a necessidade de se considerar o impacto das limitações cognitivas, motoras, sensoriais e também de comunicação frente aos alunos com Deficiência Múltipla, Barros (2015, p. 25) destaca: "qualquer pessoa tem capacidade de se desenvolver ainda que por vias não diretas, por caminhos talvez ainda desconhecidos na relação com o outro, mas que só serão descobertos se houver oportunidade". É necessário, então, que haja engajamento/comprometimento da equipe pedagógica e contexto escolar como um todo na capacitação de toda a comunidade escolar para criar um ambiente propício ao aprendizado e desenvolvimento desse público. Dal Zot, Horn e Martini (2015, p. 4) reforçam essa necessidade, pois:

A Deficiência Múltipla é uma das deficiências que mais limita a aprendizagem ou a inclusão do aluno no ensino regular, uma vez que ela abrange duas ou mais deficiências. Ela exige muitos recursos adaptados ou específicos, especialização dos profissionais e mudanças de metodologias por parte dos professores e de todos que trabalham na unidade escolar.

Nisso, é importante destacar o Atendimento Educacional Especializado destinado ao público da Educação Especial, realizado no contra turno escolar, organizando e executando estratégias e recursos que contribuam com a escolarização desses alunos⁴. Para tanto, a inclusão do aluno com Deficiência Múltipla acontece mediante um trabalho transdisciplinar, de acordo com a participação da família e um trabalho conjunto entre a equipe da classe comum e da classe especializada, a fim de explorar ao máximo as possibilidades que se encontram (e existem!) no caminho.

Por meio de um trabalho conjunto de acolhida, socialização, olhar sensível, possibilidades e potencialidades, é preciso caminhar na mesma direção com a avaliação, olhando cada aluno como único, mas sempre de formas variadas e

⁴ Destaque para as Tecnologias Assistivas, Comunicação Alternativa Aumentativa e um currículo que privilegie ações com sentido e significado ao aluno, possibilitando uma rede conceitual cognitiva, motora, afetiva e linguística (SOUZA, 2013).

não de forma homogênea, ou seja, “o desenvolvimento de alunos com comprometimentos severos passa pelo reconhecimento de suas especificidades” (PLETSCH, 2015, p. 23). Além disso, “dependem das interações estabelecidas entre professor e aluno e/ou aluno e aluno durante as práticas pedagógicas, bem como dessas práticas em si e de suas condições concretas de vida (materiais, orgânicas e psicológicas)” (idem).

Desta forma, importante torna-se refletir sobre as dificuldades acentuadas de aprendizagem da Deficiência Múltipla, em que o Ministério da Educação em parceria com a Secretaria de Educação Especial no ano de 2006 (p. 36) enfatiza:

[...]torna-se indispensável uma avaliação criteriosa e completa de cada criança, com orientações práticas e objetivas de toda equipe que acompanha, visando possibilitar mecanismos funcionais de melhor aprendizagem. Para isso, torna-se essencial uma avaliação adequada a cada criança, visando conhecer as formas de interação e comunicação que utilizam, a qualidade de experiências que possuem, as necessidades e possibilidades de ação funcional, os níveis diferenciados, as estratégias de ação e pensamento.

Seguindo essas ideias e, ao mesmo tempo em que é importante reconhecer as dificuldades enfrentadas pelas escolas e os limites de formação dos professores para atuação (MASINI, 2011), também reconhecemos o meio como possível de “fazer muita coisa”. A seguir, apresenta-se momentos significativos de um “fazer” frente uma aluna com Deficiência Múltipla à suscitar reflexões sobre as questões até aqui problematizadas.

4 O ESTUDO DE CASO – MOMENTOS E REFLEXÕES POSSIBILITADOS POR JULIANA

O estudo de caso foi realizado com Juliana, diagnosticada com Deficiência Múltipla – segundo laudo médico engloba sequela de toxoplasmose congênita, evoluindo com atraso global do desenvolvimento, deficiência intelectual profunda e baixa visão – de 7 anos de idade, cursando o 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Angra dos Reis/RJ. Juliana faz uso de cadeira de rodas, não é verbal, tem a coordenação motora fina prejudicada e visão periférica – tendo como referência Rossi (2012) ao destacar a possibilidade da Deficiência Física associada às deficiências visual e intelectual. Além do recurso de Monitoria em sala de aula, em dois dias da

semana a aluna é atendida na Pestalozzi por uma equipe multidisciplinar, além da Escola Municipal de Deficientes Visuais – CAP, que desenvolve um trabalho pedagógico dentro de um currículo funcional tendo como objetivo sua independência.

A relação entre escola e família acontece de forma satisfatória, sendo os pais participativos e atentos às orientações pedagógicas – o que contribui com a aprendizagem e desenvolvimento da aluna. Diante de um universo de dificuldades ainda existentes, falta de estrutura em diversos âmbitos por parte da escola, esse é um fato ponto positivo em relação à inclusão da aluna. Barros (2015, p.22) ressalta isso quando diz que:

[...] o desenvolvimento humano tem como fator primordial as relações firmadas nos contextos sociais da escola e da família. Esses dois espaços de convivência devem garantir o estabelecimento de relações saudáveis e apropriadas ao desenvolvimento da pessoa.

Sendo assim, o foco da escola não pode estar apenas na busca por atividades pedagógicas destinadas aos alunos, mas nas relações e parcerias que consegue desenvolver a fim de qualificar o processo de inclusão desses alunos. Ou seja, há um equilíbrio que precisa ser garantido: de um lado o fortalecimento das relações e parcerias, de outro o engajamento em práticas e estratégias que levem em consideração as especificidades dos alunos e os proporcione momentos de aprendizagem e desenvolvimento – o que mostrou-se, na realidade pesquisada, a problemática atual. Os relatos de monitores anteriores (obtidos através de conversas informais durante encontros de monitores) eram que, pela “falta de interesse” dos professores, a aluna era “deixada de lado” e o quanto mais quieta permanecesse, melhor. Contudo, mesmo com todas as restrições/comprometimentos, Juliana é uma criança muito comunicativa, demonstrando perceber quando é “deixada de lado” ou excluída de alguma atividade, chamando atenção (com movimentos e barulhos) até que a incluam no que está acontecendo. A exemplo:

No decorrer da aula, a professora pediu que os alunos fizessem uma roda com as carteiras onde cada um recebeu uma folha A4 e uma quantidade de peças para realizar uma atividade e, nesse momento, Juliana não recebeu o material. Quando a mesma percebeu que estava “de fora” da atividade, começou a fazer gestos pedindo o material que o colega ao lado havia recebido e só se “acalmou” quando recebeu exatamente as mesmas coisas que os demais (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Tal situação demonstra como o ambiente e as relações interpessoais tem a possibilidade de limitar Juliana; mas, ao modificar as estratégias, foi possível perceber sua evolução através de sua potencialidade e empenho em aprender/experienciar situações novas. Situações novas que a Deficiência Múltipla não impossibilita acontecer.

Entretanto, o que pode gerar impossibilidades são currículos e/ou atividades que não levem em consideração as singularidades dos alunos – foi possível perceber na escola pesquisada, à medida que para “suprir a demanda”, foram organizadas adaptações pouco significativas, sem a participação da família e apenas considerada de responsabilidade do professor (que por sua vez não possuía experiência com alunos com deficiência, realizando cópias de atividades de outros professores e seus respectivos alunos).

Lógico que não se trata de buscar culpados, muitas vezes, por exemplo, os professores não possuem acesso à formação continuada para isso e passam a olhar apenas as limitações, perdendo a dimensão das possibilidades, que, definitivamente, não deixam de existir porque existe a condição de Deficiência Múltipla. Ao considerar que cada aluno é único, aprendendo e se desenvolvendo (mesmo que aos poucos) segundo suas singularidades, são imprescindíveis as vivências individualizadas com os alunos; sem “receitas”, mas com disposição para aproximar, tocar, experienciar, preparar, despreparar, (re)criar atividades.

Observando as preferências da aluna, foi possível a partir do recurso de Monitoria, criar um arranjo de atividades que possibilitasse a aluna superar dificuldades pedagógicas (alguns movimentos, sons e reconhecimento de letras, por exemplo) que eram consideradas improváveis de superar. Através de planos didáticos voltados para o lúdico, utilizando músicas, objetos sensoriais e brincadeiras, foi possível perceber as potencialidades da aluna sobressaindo-se às suas limitações. Algumas atividades que foram trabalhadas com ela versavam sobre o corpo humano através da música, para que ela começasse a reconhecer seu próprio corpo:

(...) atividade dividida em 3 partes que tinha o objetivo de reconhecimento das partes do corpo humano. Na primeira parte utilizamos um espelho para visualização do corpo da aluna por inteiro, conversei com ela sobre como nosso corpo era dividido e, após esse

momento, coloquei a música “Cabeça, ombro, joelho e pé” para que pudéssemos ouvir (aproveitando a fascinação de Juliana com música) e dançar apontando cada parte do corpo que era citado. Quando a aluna já conseguia acompanhar a música, trouxe recortes de um desenho dela em folha A4 para que ela apontasse onde deveria ser colado cada membro do corpo. Conseguimos, após algum tempo de atividade, chegar ao êxito e ela reconheceu e colou cada parte respectivamente (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Foram realizadas outras atividades de reconhecimento de letras, diferenciação de tamanho, objeto e cores e, pensando em um currículo funcional, momentos comuns como o lanche ou o recreio, se tornaram espaços de aprendizagem, pois, pensando a criança como um ser que caminha diariamente rumo a independência, precisamos criar artifícios que faça com que todas, inclusive as com algum tipo de deficiência, consigam alcançar aspectos de independência e autocuidado.

Em meio a essas e outras atividades – singulares às necessidades de Juliana, foi possível reorganizar o currículo, organizando ações efetivas e que possibilitem realmente aprender no espaço escolar. É o meio escolar modificando-se a fim de potencializar a inclusão da aluna. Com o apoio da família, equipe pedagógica e o atendimento especializado, foi possível criar um documento que servisse de apoio para qualquer professor que atuasse frente à Juliana, a fim de contribuir com a permanência da aluna com qualidade na escola – isso é inclusão, não conformar-se com sua frequência no espaço escola e/ou socialização, mas buscar estratégias e parcerias que possibilitem sua aprendizagem e desenvolvimento, contrariando a ineficiência, impossibilidade e incapacidade muitas vezes ainda relacionada aos alunos com Deficiência Múltipla.

5 CONCLUSÃO: EFICIÊNCIA VERSUS EFICIÊNCIA

A Deficiência Múltipla ainda é muito estigmatizada, fazendo com que as pessoas compreendam pouco sobre o assunto e muitas vezes passam a considerar primeiro a deficiência; depois a existência de uma pessoa, com direitos e potencialidades a serem desenvolvidas, como qualquer outra. Sendo assim, este trabalho possibilitou refletir sobre a forma como as relações e o meio podem interferir e influenciar na aprendizagem e desenvolvimento do aluno com Deficiência Múltipla. Ou seja, a relação deficiência *versus* eficiência

precisa ser revista, no sentido de que a presença de uma não é necessariamente a ausência da outra. Muito pelo contrário, quando o meio possibilitar condições de potencialidade e estímulo, a deficiência pode apresentar muitos exemplos positivos – infelizmente nem sempre valorizados – mas que precisam sempre ser considerados. Nisso, o próprio conceito de aprendizagem precisa ser revisto/considerado como bem destaca Pletsch (2015, p. 22): “para além dos processos formais de escolarização (os chamados conceitos científicos), possibilitando a esses sujeitos formas de participação e interação com o meio social”, afinal, não consideramos apenas uma forma, um tempo e uma existência como legítima aos espaços educacionais.

Então, a questão não está apenas na deficiência, mas no meio como responsável pela produção de (in)eficiência, sendo a deficiência entendida como uma condição, existente e real, mas não como um limitador de capacidades, pois “o sujeito não pode ser rotulado pelo que ele não faz (não anda, não fala, não se comunica, etc.), deixando de lado suas possibilidades, as quais, mesmo quando consideradas elementares, primárias ou repetitivas, envolvem processos psicológicos complexos” (PLETSCH, 2015, p. 22).

A partir disso, foi possível repensar as práticas escolares realizadas por meio de experiências de Monitora de uma aluna com Deficiência Múltipla, enfatizando a relação da deficiência com suas possíveis potencialidades – no caso específico foram possíveis mediante aluna e Monitora, mas que poderiam ser entre aluna e professor ou aluna e colega. Monitora e aluna em interação pedagógica possibilitando contribuições no aprendizado e desenvolvimento da aluna que, caso não acontecesse, poderiam permanecer desacreditados.

A partir de estudos (pois é necessário saber o que é Deficiência Múltipla, algumas de suas causas, dificuldades e possibilidades de atuar pedagogicamente, entre outros), podemos ver a “teoria” se transformar na realidade educacional. Este trabalho possibilitou acreditar que o caminho para a inclusão efetiva – e não só legislativa – seja olhar aquele aluno como uma criança de direitos e não como uma criança limitada, cheia de dificuldades e comprometimentos. Ao olhá-la como criança, “as portas se abrem” às

possibilidades, afinal, qual criança pedagogicamente não tem dificuldades a superar? Existiria uma criança se quer que fossem a ela negados – mesmo com diagnóstico – possibilidades inimagináveis de pedagogicamente avançar? Todos os alunos têm muito a aprender e desenvolver, contudo, *sempre dentro de seu tempo e próprio caminho a percorrer*.

O desenvolver dessa pesquisa possibilitou refletir que não se trata de negar as dificuldades no âmbito de aprendizado e desenvolvimento que a Deficiência Múltipla apresenta, mas reforçou a importância de ir além, pensar caminhos, estratégias, desenvolver recursos, respeitar tempos e espaços. Esperamos que a educação em si consiga se abrir para as deficiências – em especial para a Deficiência Múltipla – pois só assim esses alunos terão lugar para sem quem são: sujeitos de *possibilidades* e não necessariamente limitações.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, Maria do Nascimento. **Desafios e possibilidades da inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla**. Monografia. Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Educação Infantil - saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla** Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2008.
- CORMEDI, M. A. **A comunicação alternativa no centro de recursos para surdocegueira e deficiência múltipla**. In: DELIBERATO, D.; GONÇALVES, M. de J. & MACEDO, E. C. de Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa. Memmon Edições Científicas. São Paulo, 2009.
- DAL ZOT, N. A; HORN, R. A; MARTINI, N. **Educação inclusiva: aluno com deficiência múltipla no ensino regular**. In. VIII Mostra Nacional de Iniciação

Científica e Tecnológica Interdisciplinar. Anais eletrônicos... Instituto Federal Catarinense, 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MACHADO, A. C.; OLIVEIRA, S. F. de. & BELLO, S. F. **Um olhar para a deficiência múltipla nas bases de dados americanas**. In: COSTA, M. da P. R. da (Org.). *Múltipla Deficiência: Pesquisa & Intervenção*. Pedro & João Editores, São Carlos, SP, 2009.

MASINI, E. F. S. **Pesquisas sobre surdocegueira e deficiências sensoriais múltiplas**. Revista Construção Psicopedagógica. São Paulo, v. 19, n. 18, p. 64-72, 2011.

PLETSCH, M. D. **Deficiência múltipla: formação de professores e processos de ensino-aprendizagem**. Cadernos de pesquisa. v.45 n.155 p.12-29 jan./mar. 2015.

ROSSI, F. L. C. **Práticas educacionais inclusivas: deficiência múltipla**. Uberlândia, 2012.

SILVA, Y.C. R. **Deficiência múltipla: conceito e caracterização**. In: Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar. Anais eletrônicos... Maringá/PR: Cesumar, 2011.

SOUZA, Flávia F. de. **Políticas de educação inclusiva: análise das condições de desenvolvimento dos alunos com deficiência na instituição escolar**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.